

FRATERNITAS ROSÆ CRUCIS

(FRATERNIDADE ROSA CRUZ NA AMÉRICA DO SUL)



O CAMINHO MÍSTICO

AULA LUCIS CENTRAL

RIO DE JANEIRO

Instruções Oficiais da Fraternitas Rosæ Crucis para os
Aspirante aos seus Mistérios

Templo dos Cavaleiros Rosa Cruz Iluminati

O Caminho Místico

Existe na natureza certa lei que, apesar de ter sido esquecida demasiadas vezes na história da Filosofia, e meio divisada apenas pela ciência – (que não foi capaz de constituí-la nem apreciá-la em toda a sua integridade) – uma lei cuja veracidade universal se impõe por si mesma ao observador sincero e consciente: a *Lei de Evolução*, que, abrangendo a todos os seres naturais, desde o mineral e a menor de todas as células do corpo humano, estende o seu domínio até o Espírito em todos os seus planos de manifestação.

Um espírito que se concentre em seu próprio Princípio, toma conhecimento imediato de seus meios pessoais de ação. Abandona todas as idéias que lhe tenham querido impor sem o controle da sua própria razão, tornando-se consciente, por fim, de sua própria liberdade. É um livre-pensador o que assim nasce, e esta fase de evolução a miúdo marca o último termo que conseguem alcançar as *inteligências inferiores*.

Disso provém o sectarismo estreito dos livre-pensadores que consideram o *dever* negar tudo quanto é superior, e disso provém também o positivismo ateu, constituído em dogma. É evidente que esses pensadores, livres de tudo aquilo que são incapazes de digerir intelectualmente, estão em um plano superior àqueles seres sem personalidade alguma que optam por aceitar, sem discussão, tudo quanto se lhes conta. Porém, o livre-pensador confunde, amiúde, a fase evolutiva que precede seu estado tal qual é, com a que se segue.

Com efeito, o espírito desembaraçado de suas idéias ainda não digeridas, pode muito bem comparar-se a uma formosa pedra desembaraçada das ervas e do musgo que a cobriam; mas, tal pedra não está em estado de ser decorada nem esculpida, e apenas mostrará um estado de maior beleza e independência.

Da mesma maneira, o espírito do homem, depois da fase crítica e negativa em que volve a tomar posse de sua personalidade, pode, todavia evolucionar, criando, para isso, um sistema, geralmente com maior preponderância nele do panteísmo, isto é, depois de haver tomado conhecimento do plano físico por meio do naturalismo ou do materialismo, adquire consciência do plano da vida universal e do mundo e suas leis por meio do panteísmo. Nesse momento, o homem chega a ser compreendido por aqueles que permaneceram estagnados no plano evolutivo inferior, e assim vemos Comte, tido como louco pelos seus primeiros discípulos, porque havia evoluído normalmente para o *misticismo*.

O *misticismo* é tratado pelos filósofos críticos que não logram alcançá-lo, algo assim como o panteísmo é tratado pelos materialistas, a título de loucura mansa. Porém, só os místicos podem compreender a grandeza deste CAMINHO, do qual procuraremos indicar, embora imperfeitamente, as vias de acesso e as pontes de entrada.

Quando o espírito consegue o despertar quase completo de seus órgãos racionais, localizados no cérebro, torna-se consciente repentinamente da existência de outros órgãos complementares dos primeiros, localizados nos centros simpáticos, e, *principalmente no plexo cardíaco*, cujas ramificações chegam até os centros conscientes do cérebro. Esses órgãos estão destinados a exercer faculdades bem diversas das meramente cerebrais, e cujos efeitos são conhecidos do homem, pela visão direta, intuição, pressentimento, comunicações espirituais, etc.

O CAMINHO MENTAL ou CEREBRAL tem seu ponto de desenvolvimento final no exercício da magia cerimonial, que necessita de treinamento e conhecimento exclusivamente cerebral, *ao passo que esse outro CAMINHO, a que chamamos CARDIACO*, se concentra e se resume na *teurgia*. No primeiro se estuda a teoria e o manejo prático das forças ocultas da natureza e do homem, dominando, por atos de comando, as criaturas invisíveis, que se submetem à vontade poderosa e domi-

nadora do operador.

A TEURGIA, ao contrário, vai mais além da natureza e do homem; *nesta arte mística, o operador elabora com a própria DIVINDADE, na medida do eu lhe permitem realizar seus esforços por meio da humildade e do constante sacrifício de si próprio.*

Enquanto a Magia desenvolve a vontade pessoal e muitas vezes o *orgulho*, a *Teurgia* mata este, para desenvolver a *humildade*, e substitui o comando e as ordens dadas aos espíritos voluntários do plano astral, pela Oração e pela invocação aos seres do plano *Divino*.

Entre estes dois Caminhos existe um terceiro, místico e por vezes tenebroso, que arrasta o espírito humano ao orgulho de julgar-se a própria DIVINDADE, que ensina a menosprezar a Oração e o humilde apelo às forças superiores, e que oscila erradamente entre os exercícios de ginástica astral (entre os quais incluímos os exercícios respiratórios, considerados como o máximo de evolução possível, e as crenças mais infantis acerca de reencarnações pessoais e de poderes de entidades tão indeterminadas como desconhecidas. Esse Caminho recebeu diversos nomes, conforme as épocas, porem denomina-se como se queira, nele se reconhece facilmente o espírito de divisão de seus adeptos e de difamação, pelas suas dissidências e tagarelices e por mil outros sinais que jamais conseguiram enganar a nenhum adepto de uma verdadeira escola de Teurgia.

Existem, além disso, fases evolutivas, dentro do próprio misticismo, tais como existem em todo cainho filosófico, e o erro dos críticos tem sido o de colocar a todos os místicos em uma mesma e única categoria, sem fazer distinções, que são absolutamente necessárias.

Assim por exemplo, Martinez de Pasquale foi, sobretudo, um mago, que tinha conhecimento dos grandes problemas divinos

e da predominância de CRISTO no invisível; porém, afinal de contas, era um Mago, com seus círculos, suas luzes, seus nomes divinos e suas múltiplas cerimônias. Claudio de St. Martin, o filósofo INCÓGNITO, era, ao contrário, por natureza e por temperamento um *Teurgo*. Preferiu o lado passivo e contemplativo da *Teurgia*, que oferece os mais diversos aspectos, e que pede à Humildade e à Oração seus maiores consolos.

Para aquele que se dedica à Teurgia, a Oração não significa um exercício labial mais ou menos audível, pois a Oração é, para ele, a atividade operante das potências cerebrais vivas, que devem ter sido criadas pelo exercício da caridade física, mal e intelectual e pela paciente submissão às provas. Todo sofrimento e aflição, todo trabalho, todo martírio e submissão, representa uma poderosa e verdadeira aquisição que a Oração dirige ao fraco e desesperado. É aí, então, que o Invisível faz pacto de aliança com seu Representante na Terra, guiando-o passo a passo, para que o homem se converta assim em *Iluminado*.

Tanto faz que o Iluminado seja um Bramam da Índia, um Marabá da África, um monge da França, as faculdades postas em jogo são as mesmas, e todos se reconhecem como irmãos na Divindade, pela sua verdadeira humildade e caridade.

Livra-te bem de confundires o Iluminado que mantém sempre perfeito controle de todas as suas faculdades cerebrais, que pode, ou não, seguir à vontade as incitações do invisível, com o médium, que é instrumento passivo e prisioneiro de suas próprias forças, e que deve sempre obedecer, por bem ou por mal, às potências que o mantêm sob suas garras. Sócrates era um Iluminado, e nenhum espírito sério cometeria o erro de confundir-lo com um Slade ou um Eglinton.

Vê-se, pois, com quanta prudência é necessário comportar-se no mundo do MISTICISMO e porque os filósofos tiveram tanta dificuldade em apreciá-lo com clareza, nas suas críticas.

AS COMUNICAÇÕES ATIVAS DO ILUMINADO

Depois de haver determinado a evolução do Espírito humano para o Misticismo, é útil dizer algumas palavras acerca dos meios de comunicação entre o plano visível e o invisível *por intermédio da prática consciente*, prescindindo de toda *perda de conhecimento*, o que seria puro e exclusivo expediente da *mediunidade*.

Um Iluminado é, com efeito, - para aquele que sabe e não para aquele que critica - um ser capaz de entrar em relação consciente como o mundo invisível. Tais relações, além do mais, são variáveis segundo o temperamento psicológico do indivíduo e segundo o desenvolvimento mais ou menos intenso de suas faculdades transcendentais. O primeiro choque do plano astral (corpo astral) da criatura e o plano mental do indivíduo pode estabelecer-se bruscamente, com visão intensa e direta, como no caso de Jacob Boemia e de Swendenborg, ou lenta e progressivamente com audição, visão e sensações cardíacas sucessivas, como no caso do Filósofo Incógnito, St. Martin.

O primeiro modo de Iluminação é o mais raro. É aquele que se determina quando o invisível opera diretamente sobre o ser de sua seleção sem que este solicite nem espere. Os casos de Swedenborg e de Joana d'Arc são típicos neste aspecto. Depois de um primeiro choque que estabelece as relações entre ambos os planos, a comunicação se efetua com toda a pureza e naturalidade, porém sempre debaixo da direção do invisível e sem que jamais perca o indivíduo um instante o controle das suas faculdades.

O segundo modo de Iluminação é mais fácil, de sorte que pode conseguir-se com método, sendo independente ou sob a direção de algum Mestre vivo. Quando dizemos mais fácil, devemos juntar as palavras “de acesso”, porque, tal como acontece em todo caminho místico, este está semeado de provas, de humilhações, de sacrifícios constantes capazes de desalentar os

principiantes empedernidos, zelosos e decididos. A história dos amigos de Gichtel é bem reveladora a tal respeito. Estiveram 20 homens decididos com toda vontade a seguir este Caminho e às primeiras provas de ruína, perdas financeiras, de saúde e perda de toda esperança, 19 afastaram-se voluntariamente do Caminho. Apenas Gichtel permaneceu solitário e triunfou sozinho.

Muitas fraternidades iniciáticas conduzem seus membros até este Caminho. Começa-se pela purificação geral, por meio do regime em geral vegetariano e pelo treinamento mental. Nisso, porém, não há grande proveito, com o perigo do egoísmo que obriga o indivíduo a julgar-se mais puro que os demais humanos e a não desejar manchar tal pureza por presunções astrais ou físicas de uma lei má. *O desgraçado que se lança a tais idéias se desorienta. Abandona o plano cardíaco de caridade e amor, preferindo o plano mental, cheio de orgulho, e é atraído à morada astral, onde a serpente Pantea o ilude a seu capricho.* Para um indivíduo saído assim do Caminho cardíaco a ginástica astral é tudo, a Oração e o Plano da Personalidade Divina não existem já para ele: seu orgulho o impele a negar tudo quanto é incapaz de perceber. É um estrepante digno de lástima e a quem é preciso auxiliar tanto quanto possível, sem julgá-lo, porque ao devemos julgar se em verdade não desejamos ser por nossa vez julgados.

Se alguém consegue vencer este primeiro passo e triunfar das ilusões da serpente astral, *é sempre com o concurso e o socorro de uma potencia invisível do plano divino.* Chamemo-lo Anjo Guardião, Receptor da Luz, Enviado da Virgem Celeste, ou de qualquer outro modo, pouco importa, pois o que nos interessa é o reconhecimento do fato. A noção de sua humildade real, justificada pela noção exata dos seres não demonializados como nós, impele o indivíduo a colocar-se, por intermédio da Oração ardente, nos braços do REPARADOR (Iheoshua), que, estando em todas as partes, não está em nenhuma, e a preparar-se para não medir seu pobre irmão, nem julgá-lo e, muito

menos, condená-lo. Então se desenvolve neste momento seja a *visão direta pelo coração, seja a visão direta pela glândula pineal e seus anexos, ou então o toque a distancia pelos centros do plexo solar*; todas estas faculdades desconhecidas de nossos fisiólogos “da torrente”(multidão), como diria Saint Martin.

Nesta fase do desenvolvimento interno o *regime importa, muito pouco*: as forças divinas que nascem no ser para constituir em si mesmo o *matrimônio místico do cordeiro*, isto é, a união do seu astral iluminado e do seu espírito iluminador, bastam para queimar toda a impureza corporal e, nela, a Oração substitui todo regime, com a condição, bem entendido, de não se embotarem os sentidos extrafísicos com os espíritos “materiais”, como o álcool e seus anexos, que afastam arrojando o discípulo para o astral inferior. São Paulo colocou nesse lugar os orgulhosos, para os quais o regime tem força de dogma.

O ser, assim desenvolvido, não teme perder sua pureza no meio dos impuros, tal qual o determinou Cristo, vivendo de preferência entre os aflitos e humildes. Assim, o Iluminado cristão se mistura com os enfermos, se ombreia com os desesperados e os pobres. E é pelo efeito constante da divisão daquilo que lhe foi dado, com aqueles que nada têm que se fortificam suas aspirações e seus méritos ao mesmo tempo em que suas faculdades.

Então, a percepção das personalidades divinas chega a ser mais aguda; os avisos são constantes, e o indivíduo pode abandonar-se sem temor à direção do PAI que lhe dá a vida, do Filho que lhe dá o processo intelectual por meio do Verbo e do Amor, e do Espírito que o ilumina.

Isto é que é indispensável conhecer para compreender os Iluminados e a sua escola.

Além destes caminhos gerais, há muitos outros caracterizados por outro gênero de comunicação, como os avisos simbóli-

cos, sonhos corroborados pelas visões conscientes.

As várias maneiras de conceber a morte e suas conseqüências derivam diretamente da solução que cada ser humano dá ao problema seguinte: por que estamos vivos na Terra?

A Terra é, com efeito, um daqueles centros físicos em que, em conseqüência da grande falta Adâmica, as forças *egoístas e materializantes equilibram a ação das forças altruístas e espiritualizantes*.

Este mistério é o proposto por Pitágoras em seu famoso teorema, já conhecido pelos chineses na sua numeração dos lados do triângulo retângulo. A matemática, profana nos diz que a soma das áreas dos quadrados construídos sobre os catetos de um triângulo retângulo é igual à área de um quadrado construído sobre a hipotenusa. Os filhos do celeste império, para os efeitos de alta iniciação, davam a esses lados, respectivamente, os valores dos algarismos 3, 4, e 5, representando, o 3, a força descendente do Espírito Divino; o 4, a da Terra (matéria) e o 5, a do homem. O quadrado, isto é, a maior atividade no plano de cada um desses três princípios, necessita a união (soma) dos dois lados do triângulo ($3 \times 3 = 9$) ($4 \times 4 = 16$) para equilibrar o quadrado da hipotenusa ($5 \times 5 = 25$), o que é igual a 16 mais 9, 25.

A representação desse teorema figura na jóia de todo Mestre Maçom, que chega a ser Venerável Mestre, e sua demonstração cabalística deveria ser profundamente conhecida por todos aqueles maçons que pretendessem “*conhecer a Acácia*”

Se o homem consagrou todos os seus esforços terrenos à aquisição de bens que são do domínio do príncipe deste mundo ou do Mamo terrestre, a morte é para ele um espantoso rompimento e nisto sua desgraça é comparada ao do rico financista obrigado a trocar seu palácio e sua magnífica indumentária pela cela presidiária do galé.

Se, ao contrário, o homem consagrou todos os seus esforços à aquisição de bens espirituais que são do domínio dos planos superiores, então a morte é a coroação desejada de um esforço constante e longe de ser dolorosa é uma bênção e prazer.

Algumas considerações sobre o mecanismo destas duas tendências, entre as quais há numerosas intermediárias, vem esclarecer alguns pontos que ainda poderiam permanecer obscuros a respeito deste importante teorema. Aquilo que os místicos denominam a “queda” não é acontecimento tão distante na natureza humana, que não seja dada a cada espírito a possibilidade de proporcionar-se o conhecimento pessoal experimental acerca do mesmo. Com efeito, há duas leis de atividade que realizam exatamente a analogia dos contrários, para falar em termos herméticos. Uma é a da matéria, que cresce pelo obscurecimento progressivo do Espírito, a da involução; e, a outra, é a do Espírito que evolui pela iluminação progressiva da matéria e sua elevação à ordem de força ativa.

O caminho do obscurecimento tem por fim a procura dos prazeres materializantes, a cultura do orgulho, a riqueza por si mesma, como fim e não como simples meio, e o cultivo do egoísmo baixo sob seus múltiplos aspectos.

A falta Adâmica ou pecado original, ou, para melhor dizer, o erro fundamental, consiste em acreditar que, ao dar a vida ao germe da matéria, o homem encontraria um ponto de aspecto solido do qual o Espírito puro parecia não dispor, e cada espírito volve a experimentar as mesmas fases que conheceu o Espírito Universal humano, ou seja, a Adão-Kadmon da Cabala. É assim que a imagem de uma grande *queda*, reproduzida estritamente pela encarnação, ou seja, o revestimento ou encadeamento do Espírito por um corpo carnal. O Espírito humano Universal, o Grande Adão, tomou corpo físico, materializou-se, e o Espírito do homem valeu-se de um corpo carnal e terrestre para manifestar-se. A Bíblia diz literalmente, em sentido oculto, que

Adão, sentindo-se nu e Eva, a natureza, sua esposa sempre virgem e sempre Mãe “cobriram-se com peles de animais”. Este mistério, que está em perfeito acordo com a versão original hebréia, em seu sentido mais esotérico e cabalístico, não está de acordo naturalmente com a tradução literal que dela fizeram os Exegetas Agnósticos. Por outro lado, este mesmo conhecimento está simbolizado nos mistérios maçônicos, pelo avental, como qual se cobrem os “Filhos da Viúva”, ou seja, os “Filhos da Terra”, para trabalhar, isto é, para realizar a evolução espiritual ascendente, que compete efetuar por todo espírito que passa pela Terra. Mas este espírito, uma vez encarnado e submetido aos efeitos da Lei de gravidade, que o prende a Terra, tem a faculdade de, por si mesmo, julgar, por sua própria experiência, o ato de Adão-Kadmon.

Com efeito, sua idade da razão lhe permite tomar conhecimento de duas ordens de forças distintas que nele operam: por um lado as forças distintas que nele operam: por um lado as forças egoístas que o inclinam a estimar-se como centro do Universo, dotado do direito absoluto de usar da fortuna para seus próprios prazeres e suas egoístas satisfações de amor próprio, sempre que pague algumas missas ou algumas orações a lacaios espirituais profissionais, encarregados de desembaraçá-lo de seus temores póstumos; por outro lado, as forças abrasadoras do amor e da caridade que o impelem a considerar-se menos que nada no Universo, qual pobre delegado de outro país, e a não usar da fortuna mais que para os desafortunados e a título de simples caixa, embora seja possuidor exclusivo de tais bens, e enfim, de ter contacto com aqueles seres do plano invisível superior, que são os verdadeiros intermediários, entre esta vida e a seguinte.

A decisão que toma o espírito entre estes dois caminhos constitui, por assim dizer, a *segunda queda*, ou melhor a *“primeira reintegração”*, seu retrocesso materializante o leva, por meio de uma involução de muitas etapas, ao seu aniquilamento e dissolução total nas forças universais, o que alias cons-

titui sua “segunda queda”, simbolizada pela condenação eterna de que falam as religiões; porém, se o processo foi de ascensão espiritualizante, terá alcançado a sua “primeira reintegração”.

Para esclarecer, porém, o “decaído” nos seus deveres, sempre ficam as revelações sagradas, quaisquer que sejam, pois elas tendem sempre para o mesmo fim, e, sobretudo, as revelações práticas da MÃE CELESTE, ou do AMOR.

O AMOR, que afasta e destrói todas as barreiras erigidas pelos pequenos interesses e pelas grandes civilizações, representa exatamente o grande chamado do CRIADOR às suas criaturas. Platão fez uma revelação bem profunda ao demonstrar que o amor do homem à mulher, que desperta o sentido da Vida Universal nos corações mais endurecidos, nada mais é que o primeiro despertar do homem para seu DEUS. Por isso todo ser que amou participou da vida superior; dizia Cristo: “Muito lhe será perdoado, porque muito amou”, e não nos esqueçamos de que o Cristo se referia à Madalena.

Ainda para o mais repugnante dos egoístas, o amor é o chamado para uma vida em comum, que assinala o caminho conducente ao sacrifício pelas demais criaturas, caminho no qual nos move o amor coroado pela Caridade.

Se o espírito escolhe este segundo caminho, todas as chamadas realidades materiais desaparecem para ele. O dinheiro, a posição social e as honras exercem apenas fracos atrativos para quem aspira à percepção de forças superiores, à união com o seu REPARADOR e à visão de SOPHIA CELESTE (Sabedoria Divina). O homem toma então conhecimento, cada vez maior, da vida do Invisível pela *Oração*; seu espírito abandona constantemente este mundo para ser conduzido pelos guias luminosos até o “outro departamento” e quando volta para aqui o faz como um ator que desempenha um papel para a galeria, pois que sua vida real está em outra parte.

À medida que as relações entre os dois planos chegam a ser mais frequentes, o espírito se sente mais perto da sua meta, e a morte chega a ser a coisa mais simples do mundo para não dizer a mais feliz; é a volta definitiva para aquela verdadeira pátria que vai visitar despido; e esta volta se efetua por caminhos já percorridos muitas vezes. O Iniciado que morre na Terra tem, durante alguns instantes, a sensação de uma deliciosa ascensão sobre uma bela corrente e sente-se como que transportado por uma graciosa nuvenzinha na qual flutua na imensidão celeste. Tal é a recompensa daqueles que entraram, embora por uma só vez, em comunicação com os planos superiores. Para estes é simplesmente a “volta para casa”.

Por acaso será necessário descrever a angústia daquele que construiu sua morada no país do Príncipe deste Mundo? Será preciso recordar as angústias do desespero do espírito que desperta sem possuir outra morada além de uma urna funerária no cemitério, e que chora suas riquezas terrestres que para ele nada mais representam que vãos fantasmas? Será preciso evocar a intensa dor produzida pela contemplação da decomposição de seu próprio corpo carnal, que ele havia constituído como templo único e centro único de auto-adoração? Com que fim? Melhor será recordar a infinita bondade do Pai que jamais julgou alguém e que nos envia aos seus “Receptores Pacíficos” para que nos arranquem de tal estado de aflição até o momento em que a Virgem Celeste estenda sobre nós sua compaixão. A morte é terrível só para aqueles que não a conhecem, para aqueles Filhos da Viúva que não conhecem verdadeiramente a ACÁCIA. Todos os evoluídos, todos aqueles que desceram do plano divino para o plano terrestre, como o Buda, Moisés, Krishna, Maomé, não voltaram a passar pelas portas da morte, porque todos manifestaram a Divindade criando em seu próprio coração um altar digno dela; foram homens divinos embora fossem homens. Só nosso Mestre o Cristo, depois de haver destruído os caminhos terrestres, tornou a passar pelas portas de marfim, voltou a tomar aquele corpo sobre o qual as leis da destruição em vão pretenderam exercer seu poder, e pode exclamar:

mar: “Ó Sepulcro! Onde está tua vitória? Ó Morte! Onde está teu aguilhão?”

E tudo isto não só está escrito no livro terrestre dos evangelhos; tal qual o expressou Papus, também se acha em inefáveis imagens nas páginas do livro eterno e sempre vivo, no qual seu Mestre o fez balbuciar as imagens suas, que, disse ele, “fui indigno de ler”. Se ao Filósofo Incógnito bastou levantar um véu para passar de um mundo a outro, graças aos guias proporcionados pelo Reparador, os quais lhe ensinaram o caminho, então também podemos exclamar: “Ó Sepulcro! Onde está tua vitória! Ó Morte! Onde está teu aguilhão?”

Depois de haver percorrido as diversas matérias contidas nestas linhas, uma pergunta pode formular aquele que deseja ir mais além para compreender por si mesmo as vantagens, e talvez os inconvenientes das ciências ocultas. Trata-se da seguinte pergunta: como penetrar no Templo de que os livros apenas assinalam a antecâmara?

COMO PENETRAR NO TEMPLO DE QUE OS LIVROS APENAS ASSINALAM A ANTECAMARA?

Estas linhas estariam incompletas, se não puséssemos à disposição do interessado recém-iniciado nestes estudos a experiência adquirida por adeptos mais avançados. Para isso, começaremos por passar em revista os *Três Caminhos* principais que, partindo do umbral do Templo conduzem até o SANTUÁRIO, por entre perigos e múltiplos labirintos. Estes três caminhos são:

- O caminho instintivo, ou experimental; (Iod)
- O caminho cerebral, ou mental; (HE)
- O caminho cardíaco, ou sentimental; (Vau)
- e o caminho Unitivo, síntese dos anteriores (He)

Antes de tudo, porém, façamos ao interessado a pergunta principal que lhe permitirá aquilatar do caráter de cada um deles:

Por que lhe interessa o ocultismo?

Será por acaso para aprofundar-se no conhecimento do ser humano nas suas relações sociais?

Então as artes divinatórias elementais e o estudo dos temperamentos (planetários) apoiados em algumas noções de fisiologia bastarão

Será por acaso, para penetrar a existência do plano invisível e a continuação da vida além do túmulo?

O caminho experimental com seu acompanhamento de terríveis ilusões e emboscadas lhe estão indicados.

Será por acaso para adquirir conhecimentos novos acerca da história da humanidade, suas doutrinas religiosas visíveis ou

secretas, sobre as filosofias e sistemas que explicam ou pretendem explicar a constituição e a razão de ser de DEUS, do homem e da Natureza?

Então pode escolher entre milhares de volumes e documentos, acerca do *caminho mental*, e alguns guias não seriam de mais para evitar uma imensa perda de tempo.

Será, por acaso, que deseja aperfeiçoar-se moralmente mais que fisicamente e trabalhar menos para si mesmo do que em benefício dos demais, participando, quanto possa sua débil capacidade e impotência, para a redenção humana?

Para isso todos os livros são de mais, salvo os Evangelhos e as palavras do Verdadeiro Profeta. Neste caso o Caminho do Iluminado é o seu caminho, com a Oração por intermediária.

Repassaremos, a seguir, as condições gerais concernentes a cada um desses Caminhos e sua ação recíproca, porque, geralmente, há tendência para confundi-las e baralhá-las.

1º. O CAMINHO INSTINTIVO, OU EXPERIMENTAL

Com frequência ouve-se dos lábios de pessoas de inteira boa fé o seguinte: “Se eu presenciasse um só fenômeno de verdadeiro ocultismo, não trepidaria nem um instante mais em admitir todas as suas teorias”. Mais tarde, essa mesma pessoa é objeto de uma manifestação telepática incontestável, por exemplo. Poder-se-ia acreditar que isto bastaria para convencê-la da realidade da existência do Mundo Invisível. Porém, não. Discutirá, argüirá e encontrará sempre razões com o fito de ... esperar o fenômeno seguinte. A verdade é que o *Caminho Experimental* não pode fazer outra coisa além de *desabrochar as sementes já semeadas* na Inteligência, mas *não é capaz de criar*, para aqueles milhares de espíritos que estimam esse caminho como único meio de progresso. Esses senhores se convertem de preferência em investigadores da teoria melhor que da prática dos

fatos da mediunidade a que se dedicam os estudantes mais seriamente convencidos da realidade das relações com o plano invisível. Só depois de terem abandonado longas e quase sempre estéreis investigações entre os médiuns, é que muitos ocultistas, já mais adiantados, começaram seriamente o estudo da Tradição Hermética. O ocultista deve desconfiar do Caminho exclusivamente Experimental, salvo no caso de conhecer perfeitamente seus mistérios, tal como o policial conhece os enganos e as tramas dos ladrões. Por isso, Ihes é indispensável à direção de um Mestre experimentado, podendo assim averiguar, com toda a tranqüilidade, a existência e manipulação dos clichês astrais e dos planos superiores da Natureza; porque o Mestre esta sempre pronto a chamar-nos à humildade e a proteger-nos pela Oração. Não pode haver verdadeiros ocultistas que não conheçam o manejo das forcas astrais. Isso é necessário para poder defender as pobres vitimas dos magos invertidos e dos bruxos do campo. Entretanto, quanto mais se aprofundam os segredos do Caminho Experimental positivo, mais se evidencia sua inferioridade em relação ao Caminho da Humildade e da Oração. A experiência mal compreendida só conduz ao orgulho de julgar-se poderoso ou da loucura de querer mandar nos seres invisíveis.

Outro erro que deve ser evitado é o de acusar os adeptos de escolas com as quais não simpatiza, de fazer “Magia Negra”!... Ouvem-se, por vezes, homens eruditos ou que tal se julgam, dizerem-se libertados da superstição e mesmo assim, proferirem, tremendo, tal acusação... e fugirem espantados ao aparecimento do investigador acusado. Esses grandes medrosos julgam-se a sim mesmos e confessam que o Caminho Experimental Ihes é desconhecido. São soldadinhos de chumbo que se enfeitam com galões de general, sem jamais se terem atrevido a travar uma única batalha, nem muito menos afrontar grandes manobras. É preciso ter compaixão deles, porém não julgá-los como julgam os outros. O *Caminho Experimental* é, felizmente, muito praticável ao experimentador modesto sem temor de reações perigosas, se se limita a experiências elementares de psi-

cometria e artes de dedução divinatória. Aplicado ao *plano da natureza material* esse *Caminho* se resume em uma série de experiências físicas muito delicadas das quais o hipnotismo é uma das fases. Aplicado ao *plano instintivo* ele dá a chave da psicometria (estudos de Buchanan, na América, e resumos de Sedir e Phaneg, de França). Permite, além disso, a prática da cura a distancia e abre a porta à Oração com intuições positivas. Aplicado ao *plano mental*, permite o estudo da transmissão do pensamento, da fotografia e das idéias e também das formas do astral, porém tende algumas vezes a arrastar para os loucos orgulhos da *magia cerimonial*. Não existe caminho algum no qual os conselhos sejam mais precisos do que neste, e nunca é demais afirmar e recomendar ao estudante que desconfie de toda doutrina e sociedade em que se menospreza a Oração e se considera o homem ombreado com a Divindade, pois a verdade é exatamente o contrário.

2º. O CAMINHO MENTAL

Vós sereis semelhantes aos Deuses! Vós sereis os próprios Deuses! Tais são as palavras que a mitologia crista coloca na boa da serpente do Genesis, da fonte de todas as ilusões humanas: NAHASH.

O cérebro humano não cria nada, apenas reflete a luz vivente do coração e, qual espelho pretensioso, não só se obstina em acreditar que esse reflexo é obra própria, côm também pretende, além disso, demonstrar todas as leis da criação (daí reflexionar que significa apenas refletir), e tal acontece com todo aquele que é sectário; o cérebro não aceita contradição de espécie alguma e ama tanto os seus próprios reflexos sem existência positiva, que chega a entesourar um pequeno fundo de ternura para a sua antiga amiga, a serpente da ilusão em todos os planos.

Por isso, quando o jovem investigador vir evidencias em seus estudos de ocultismo, naqueles centros em que cada assistente

se deixa ficar embebido de ciência profunda e na posse da única e integral verdade; quando vir que tal verdade se oculta sob os nomes mais exóticos, mais obscuros e inimigos da claridade e, por fim, quando ouvir viva defesa dessa excelente NAHASH contra Deus e, sobretudo, contra CRISTO, o estudante deve por-se muito em guarda; é que está no imediato perigo de entrar em casa dos *Adeptos do Caminho Mental*. Temos porem, o direito de julgá-los? Menos que aos outros. Tem um fim e também sua utilidade, porque induzem para o ocultismo o cérebro positivo do homem moderno de ciência, de hoje e do materialista de ontem.

Para esse *Caminho Mental*, a idéia do despertar ou da evolução das faculdades humanas se resume, como máximo, quase exclusivamente, na saída consciente do “*duplo astral*”. A esses acrobatas da fisiologia que conseguem vencer nessa experiência elementar, condecoram como *apodo de Mestres*, numa linguagem bárbara qualquer e seus adeptos passam anos em árduos regimes de treinamento para se aperfeiçoarem nessa verdadeira e real impotência, *saída em astral, solitária e pessoal*. É necessário ver apenas um minuto em “astral”, para divertir-se com o néscio atordoamento de tal pretenso adepto, que quis assim pavonear-se sem outro guia, além de seu pretensioso orgulho e “soberbo isolamento” qual peru real nesse plano onde tudo é coletivo e onde tudo está hierarquizado! Porém, a bondade do PAI é tão grande que os rodeia de protetores invisíveis (para eles) a esses pretensos deuses da humanidade, quando passeiam vaidosamente pela casa dos tigres do além.

Se, porventura, fomos demasiado insistentes acerca dos feitos do Caminho Mental, digamos, por outro lado, algumas palavras acerca de suas qualidades reais para quem não sabe julgar sem supor-se superior aos demais.

Aplicado ao *plano físico*, o Caminho Mental fornece a crítica e a teoria de diversas experiências. Forma críticos experientes que podem chegar a constituir a verdadeira psicologia do ama-

nhã. Aplicado ao plano dos sentimentos, ele analisa e determina a teoria das Intuições e das Revelações. Em seu próprio plano, critica e aclara as diversas tradições por comparação. Por fim, no plano da Síntese, ele se esforça por constituir aquele órgão filosófico, aquela Mátésis Universal, que julga possuir cada tradição e que jamais está escrita em outra parte senão na luz secreta da Natureza. O perigo do Caminho Mental, além do orgulho de crer que se sabe alguma coisa, é a incompreensão cerebral das leis da palavra vivente, que desempenha papel inteiramente distinto, e, por conseguinte, a dessecação e falta absoluta da caridade cardíaca. Esse Caminho é, em geral, mais utilizado no começo dos estudos do Ocultismo.

3º. O CAMINHO CARDÍACO, OU MÍSTICO

Conheço um homem simples, que jamais leu nenhum livro escrito e que pode resolver os problemas mais difíceis da ciência, com mais perfeita maestria que o mais célebre dos acadêmicos. Existem pessoas pobres que jamais obtiveram diplomas e que nunca cursaram anos de estudo, às quais está tão aberto o céu que os enfermos saram ao seu toque e ante as quais o coração dos malvados se desmancha em caridade à sua simples aproximação. Jana d'Arc jamais havia lido um tratado de estratégia, nem havia presenciado batalha alguma, e, ao primeiro golpe, bateu os melhores Capitães de sua época. Por quê? Porque ela soube abandonar-se à vontade divina e porque não discutiu com o Invisível, como certamente faria qualquer *adepto do plano mental*. É necessário ver com quanta surpresa e injustiça o crítico estuda nesses seres animados pela “Luz Vivente do Pai”, chamados geralmente quietistas ou místicos. Não os compreendem, porque desejam medir as faculdades universais por meio de suas limitadas faculdades cerebrais. Por isso o crítico deprecia e insulta o místico, e este ora pelo seu insultador e continua tranquilamente sua obra de devoção.

O Caminho do despertar espiritual é muito singelo e claro: *“Viver sempre para os outros e jamais para nós mesmos; fazer*

aos outros tais como desejaríamos que nos fizessem eles a nós em todos os planos da manifestação; não falar mal e jamais pensar mal dos ausentes. Fazer aquilo que custa de preferência àquilo que agrada.

Tais são algumas das fórmulas deste Caminho que conduz à humildade e à Oração.

Existe um meio de purificação muito difícil para os adeptos do plano mental: o vegetarianismo, que diminui a atração material. Mas essa purificação não tem valor algum se, ao expurgarmos o corpo das influências animais, não expurgarmos simultaneamente o astral das influências egoísticas e o espírito das do orgulho, que são cem vezes mais perigosas que os impulsos provenientes do uso moderado da carne.

Quando um homem julga saber algo e se coloca no mesmo plano de Deus, trabalhando exclusivamente em benefício de seu bem estar pessoal e se recolhe encastelado em uma torre de marfim para purificar-se e não contaminar-se em contato com os outros, que necessidade e que mérito tem para que lhe seja concedida alguma coisa, já que possui o necessário e se apresenta ante si mesmo como ser puro e sábio?

Uma mãe que haja envelhecido dedicando-se toda a vida a criar, não só seus próprios mo também os das mais pobres que ela mesma, é maior ante a Eternidade que o teólogo mais pedante ou que o auto-intitulado “adepto” mais orgulhoso de sua pureza. É esta uma verdade instintiva que se impõe às massas sem necessidade de demonstração, porque é verídica em todos os planos.

Por isso o estudante deve preferir a simplicidade ao pedantismo, e tomar cuidado com os indivíduos que se lhe apresentem como perfeitos, porque é possível cair de uma altura mais elevada do que do seu próprio nível.

O Caminho Místico necessita, pois, de um auxílio eficaz a todo o momento e em todos os estados de evolução e percepção. *No plano físico*, o auxílio dos camaradas e dos mestres que ensinam com o exemplo; *no plano astral*, o auxílio dos pensamentos de devoção e de caridade, que iluminem o caminho e que permita suportar as provas graças à paz do coração, a verdadeira serenidade interna; enfim, *no plano espiritual*, o auxílio dos espíritos guardiães animados por compaixão a todos os mortais, por indulgência com todas as fraquezas humanas e pela Oração por todos os cegos e por todos os nossos inimigos. Só assim é que se dissolve a sombra terrestre pouco a pouco e se levanta o véu por alguns segundos, e a sensação divina da Oração escutada enche o coração de valor e amor.

O místico que se desenvolveu até esse estado, não pode compreender a existência de sociedades que se intitulam sábias, nem ainda ocultistas, nem a existência de tal multiplicidade de livros para ensinar coisas tão simples. Desconfia das sociedades e dos livros, e se retrai cada vez mais, em comunhão com os pobres abandonados e os doentes de toda a espécie. Opera apesar de não saber ler; ora e perdoa e não lhe sobra tempo para julgar nem criticar.

O intelectual que contempla tal ser, antes de mais nada, pergunta: por meio de que leituras pode chegar a tal estado? Em seguida: a que sociedade esotérica se filiou? Por fim, em que categoria poderia ser colocado, para ser julgado? Procura as “palavras mágicas, as vibrações e os ritmos”, para fazer desaparecer à vontade as enfermidades mais rebeldes, o gênero de hipnotismo que lhe permite “sugestionar” de tal ou qual maneira os cérebros (por puro egoísmo) “a distancia e com o “fim interessado” que de melhor modo pudesse guiar as suas ações.

E, como não encontra, em nenhum livro, resposta adequada a tais perguntas e como seu cérebro lhe pede uma explicação para ficar tranquilo, diz gravemente a si mesmo: “Histórico”, “Místico”, “Sugestionador”, e... tudo fica dito. O intelectual sente

-se orgulhoso e o místico um pouco mais humilde.

E, se é necessário estudo, leitura e tempo para progredir no CAMINHO MENTAL, nada disto se necessita para avançar no CAMINHO MÍSTICO. Pode-se investigar inteiramente em uma hora apenas de tempo terrestre, como Swedenborg, no primeiro dia de sua visão, ou como Jacob Böheme, e pode-se esperar dezenove anos antes de perceber sua porta de entrada, como Villermos e tantos outros ocultistas.

Isto quer dizer que a porta de entrada para esses caminhos não é aberta pelo próprio aspirante: ele apenas bate, e seus guias a abrem conforme a tensão de seu corpo espiritual.

Nada há mais fácil nem mais difícil que percorrer esse caminho. Está ao alcance de todo ser de boa vontade e ninguém deve considerar-se indigno dele. Está tão ao alcance de todos, que até as crianças pequeninas podem valer-se dele sem o menor auxílio e, sem embargo, geralmente, são homens grandes e intratáveis que a ele se apresentam e se consideram indignos de converter-se em crianças. É por isto que sua porta de entrada lhes permanece tanto tempo imperceptível.

O CAMINHO UNITIVO, OU SINTÉTICO

Assim como o ser humano na Terra está provido de três centros de ação, assim o homem deve, em todo estudo dessa natureza, despertar em si mesmo, sucessivamente, as faculdades que correspondem *a cada um desses Caminhos*. Este é o *Caminho Sintético, ou Unitivo*, muito delicado de cultivar, porém de resultados absolutamente certos.

Um centro de estudos bem organizado deve prover seus discípulos, antes de mais nada, de alguns dados experimentais que os ponham em condições de compreender e praticar a defesa continuamente necessária às vítimas ignorantes; deveria, em seguida, despertar o sentido crítico dos alunos para permitir-

lhes ver claramente na exposição das tradições mais esotéricas e julgá-las; por fim e como coroação de tudo isso deverá conduzir o estudante até o Plano Iluminado de onde possa ver, na luz vivente, aquilo que é verdade e aquilo que deve desejar-se dos sentimentos do mental. Muitos grupos e sociedades trabalham pela realização de diversas fases deste programa; nossa Ordem constitui uma espécie de Cavalaria Laico-Cristã, na qual os estudantes se agrupam em círculos concêntricos de estudo.

Enfim, o recém-chegado deve estudar cuidadosamente cada grupo, cada pretense mestre e cada centro que se lhe apresente. Terminaremos resumindo as recomendações precedentes em alguns conselhos simples.

CONSELHOS PARA O NOVIÇO QUE DESEJA ESTUDAR O OCULTO

Escolher sempre um centro, em que se pratique a Oração, de qualquer culto que seja. Lembrar-se de que os Verdadeiros Mestres não fazem publicações em diários e revistas, nem vendem seus ensinamentos, e colocam a simplicidade e a humildade acima de toda sabedoria e de toda inteligência. Desconfiar dos pontífices e dos homens que se julgam ou se dizem perfeitos.

Não alienar nunca a vontade por juramentos que não se compreendem e que prendem o indivíduo, seja dentro de alguma clerezia ou sociedade duvidosa. Recordar que só DEUS tem direito de receber juramentos de obediência passiva. (Mui especialmente, não comprometer-se com juramentos a *falsas sociedades místicas*, cujas penalidades estejam vagamente descritas, ou simbolizadas em algum idioma que o aspirante não compreenda).

Recordar-se de que toda Potencia Invisível vem de Cristo, através de todos os planos, e jamais penetrar no Invisível, em relação com nenhum ser ou entidade astral ou espiritual que não seja confiando no Cristo, neste sentido. Não buscar a obtenção de poderes. Esperar que o Invisível lhes outorgue, se for digno deles.

Não julgar nunca os atos dos demais, se não deseja ser julgado nem condenar nunca os seus semelhantes. Todo ser espiritualista, por meio das provas e do sofrimento e por uma vida de abnegação, pode fazer sua própria felicidade e salvação, qualquer que seja sua Igreja ou filosofia. Seja cristão, israelita, muçulmano ou livre-pensador, todo ser humano possui as faculdades precisas para evoluir até o plano celeste. O juízo pertence ao Céu e não aos humanos.

Ter a certeza de que o homem jamais é abandonado pelos planos superiores, nem mesmo nos momentos mais obscuros de negação ou de dúvida, e que estamos no plano físico para os outros e não para nós mesmos.

Lembrar-se de que a purificação física pelo regime é uma ninharia se não estiver apoiada pela pureza astral, pela caridade, pelo silêncio e pela purificação espiritual com o contínuo esforço de não dizer nem pensar mal dos ausentes. Saber perfeitamente que a Oração que dá Paz ao coração é preferível a toda magia que apenas proporciona orgulho e nada mais.

Summum Supremum Sanctuarium



Fraternitas Rosicruciana Antiqua é uma instituição que tem por objetivo a felicidade dos seres humanos, sem distinção, investigando todos os problemas que se relacionam com a sua origem, evolução e destino.

Para atingir essa finalidade, utiliza-se dos métodos preconizados pelo Rosicrucianismo antigo e medieval a atualiza os seus conhecimentos de caráter filosófico, científico e espiritual, utilizando-se das experiências adquiridas através das Escolas Iniciáticas ou Herméticas.

As suas portas estão sempre abertas para todos os investigadores sinceros e bem intencionados que queiram assumir seriamente, para tal fim, os imprescindíveis compromissos de honra e que estejam dispostos a trabalhar pelo próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento material e espiritual.

Gnose fevereiro de 1944

(J. Soares de Oliveira - 1º Comendador da FRA no Brasil)

FRATERNITAS ROSICRUCIANA ANTIQUA Aula Lucis Central

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca – Tel.: 2254-7350

Rio de Janeiro – RJ - Brasil - CEP: 20521-250

Home Page: <http://www.fra.org.br>

E-mail: fraternitas